

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitetura

ANAIS DO III SEMINÁRIO PROJETAR

porto alegre , 24 a 26 de outubro de 2007

Reabilitação e diálogo na arquitetura dos museus e o caso da Pinacoteca do Estado de São Paulo

Autor: Roberta Krahe Edelweiss

Formação: Arquiteta e Urbanista, graduada na Uniritter, com especialização em investigação pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona – Departamento de Proyectos Arquitectónicos – Línea de Aproximaciones de la Arquitectura al Medio Ambiente Social e Histórico – Universidad Politécnica de Cataluña – España, atualmente cursando o doutorado na mesma linha.

Endereço: R. Barão do Rio Grande, 20/01. CEP. 91340-330. Porto Alegre – RS. Brasil.
Fone/Fax: (51) 3328 8664
E-mail: redelweiss@terra.com.br

Reabilitação e diálogo na arquitetura dos museus e o caso da Pinacoteca do Estado de São Paulo

Resumo - O museu como edifício, como um invólucro para guardar objetos, atua como o continente de um ator principal, o seu conteúdo. Este cenário, assume uma postura de maneira a dialogar com seu conteúdo ou não. No caso da arquitetura dos museus, baseando-nos na visão dialógica de Mikhail Bakhtin, ressaltamos a relação entre todos os elementos, tais como edifício, obra de arte, indivíduo e contexto “em diálogo” no ato da visita do mesmo; os mesmos se relacionam de modo a dar sentido à existência da instituição. Na hipótese da existência de diferentes posturas por parte do autor de um edifício, identificamos estratégias projetuais possíveis, que surgem de uma necessidade de diálogo ou de ruptura entre continente e conteúdo, a partir e da adoção da forma abstrata, de elementos de arquitetura, de soluções funcionais ou formais na criação do objeto construído, podemos detectar tais estratégias. Dentro do leque de estratégias evidenciamos operações como a reabilitação. Na reabilitação existem minimamente dois contextos diferentes, o original do edifício e o contemporâneo, além do contexto de um acervo proposto, o que torna esta relação mais complexa, através de uma busca de diálogo entre um edifício antigo com conteúdo e função novos.

No cenário brasileiro destacamos o exemplo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. O edifício, antigamente destinado ao Liceu de Artes e Ofícios, recebeu em 1998 uma intervenção para abrigar a coleção da pinacoteca. A intervenção, assinada por Paulo Mendes da Rocha, tem um caráter dialógico em sua essência. Em palavras do autor, no memorial descritivo da obra, é evidente o conceito de respeito ao antigo e de preocupação com o diálogo. O autor propõe o diálogo entre museu e obra de arte através de uma espécie de edifício intermediário, atuando como um elemento de transição entre dois contextos que não dialogam diretamente entre si. A utilização da linguagem, bem como a cautela com a escolha dos materiais, também atuam neste sentido.

Observa-se nesta investigação de caráter híbrido um caminho interessante e viável para aplicação à investigação no campo da arquitetura. Na aplicação da ferramenta ao panorama brasileiro se ensaia um caminho que revela a riqueza de sua arquitetura museística. O foco dialógico prova ser uma interessante ferramenta para o aprofundamento intelectual no campo da arquitetura e mais especificamente da museística.

Abstract – The museum as a built object, as an evolving to keep objects, acts like a main actor's continent, its content. This scenery assumes a posture of a dialoguing with its content or not. In the museum architecture case, based on Mikhail Bakhtin's the dialogical vision, we can bring the relation between every elements, such as building, artwork, people and context “in dialog” in the visitation atc; these elements relate in a way to give sense to the institution. Further in the hypothesis of the existence of different postures by a building's author, it is possible to identify possible projecting strategies, coming from a need of dialog or breaking between continent and content, from the adoption of the abstract form, architecture elements, functional or formal solutions in the object creation it is possible to detect such strategies. Between the possible strategies we bring up the rehabilitation. In the rehabilitation there are minimally two different contexts, the building's original and the contemporary, beyond the context from the proposed artworks, what makes this relation even more complex, through a dialog searched between the antique building and the new content and function.

In the Brazilian context we bring up the example of the Pinacoteca do Estado de São Paulo. The building, before used by the Liceu de Artes e Ofícios, received in 1998 an intervention to receive the new collection of the Pinacoteca. The intervention, signed by Paulo Mendes da Rocha, has a dialogical character on its scent. In author's words, in the descriptive memorial of the construction, it appears clear the concept of respect to the antique and of concerning with the dialog. The author proposes the dialog between museum and artwork through a specie of intermediate building, acting as an element of transition between two contexts that don't directly dialog. The use of the language, such as the care with the material choice, also acts in this sense.

This hybrid investigation can be observed as an interesting an liable path to be applied in the architecture field. In the tool's application to the Brazilian context it is opened a rich path of the museum architecture. The dialogical focus proves to be an interesting tool to the intellectual growing in the architecture field and more specifically on museum architecture.

Palavras chave: Dialogia Museus Pinacoteca - **Key words:** Dialogy Museums Pinacoteca

Reabilitação e diálogo na arquitetura dos museus e o caso da Pinacoteca do Estado de São Paulo

1. Introdução

O museu como edifício, durante sua trajetória histórica, segue a idéia de ser um invólucro para guardar objetos, sejam eles arte ou artigos de ciência e tecnologia. Assim, o museu atua como o continente de um ator principal, o seu conteúdo. Este cenário, ou continente, assume necessariamente uma postura em relação ao seu conteúdo, de maneira a dialogar com ele ou não.

A visão dialógica, baseada nos estudos de Mikhail Bakhtin, demonstra que o diálogo exige a relação entre no mínimo duas partes diferentes para existir, onde cada uma tem a sua verdade própria. O conjunto destes elementos terá uma verdade que surge a partir do diálogo entre eles. No caso da arquitetura dos museus ressaltamos a relação dialógica entre todos os elementos “em diálogo” no ato da visitação do mesmo. Estes elementos; o indivíduo, as obras de arte, o contexto e a arquitetura; se relacionam de modo a dar sentido à existência do museu como instituição e conseqüentemente como edifício.

Avançando na hipótese da existência de diferentes posturas por parte do autor de um edifício, identificamos estratégias projetuais possíveis, que surgem de uma necessidade de diálogo ou inclusive de ruptura entre continente e conteúdo. A partir da adoção da forma abstrata, de elementos de arquitetura, de soluções funcionais ou formais na criação do objeto construído, podemos detectar estas intenções.

Os museus, segundo a postura dialógica quanto a seu conteúdo, podem ser classificados em dialógico, idêntico ou indiferente. Para tal, o autor de um museu assume uma específica estratégia projetual. É justamente dentro do leque de estratégias que evidenciamos operações como a reabilitação. Na reabilitação existem minimamente dois contextos diferentes, o original do edifício e o contemporâneo, além do contexto de um acervo proposto, o que torna esta relação mais complexa, através de uma busca de diálogo entre um edifício antigo com conteúdo e função novos. Um exemplo desta estratégia é o Museu D'Orsay em Paris (**ilustração 1**), onde é possível ver como Gae Aulenti aproxima a arte ao edifício existente, antigamente destinado a uma estação de trens.



Ilustração 1: interior do Museu D'Orsay em Paris. Foto da autora.

No cenário brasileiro destacamos o exemplo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. O edifício, antigamente destinado ao Liceu de Artes e Ofícios, recebeu em 1998 uma intervenção para abrigar a coleção da pinacoteca. A intervenção, assinada por Paulo Mendes da Rocha, tem um caráter dialógico em sua essência. Em palavras do autor, no memorial descritivo da obra, é evidente o conceito de respeito ao antigo e de preocupação com o diálogo. O autor propõe o diálogo entre museu e obra de arte através de uma espécie de edifício intermediário, atuando como um elemento de transição entre dois contextos que não dialogam diretamente entre si. A utilização da linguagem, bem como a cautela com a escolha dos materiais, também atuam neste sentido. Têm uma preocupação com a futura detecção de diferentes contextos, para que a obra original não se confunda com o gesto da reabilitação. Isto se observa pelos gestos contemporâneos, como o uso de elementos marcantes e soltos tais como elevador, cobertura envidraçada e passarelas, além da utilização de material diferente do utilizado na obra original e atual, como o aço e o vidro.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: a seção 2 introduz conceitos baseados na visão dialógica de Mikhail Bakhtin, apresenta diferentes via possíveis dentro da arquitetura museística segundo a visão dialógica e aponta a estratégia da reabilitação como uma estratégia possível; a sessão 3 aprofunda-se na análise do estudo de caso avaliando de maneira prática a teoria proposta e no caso a reabilitação e o diálogo na intervenção do edifício da Pinacoteca do Estado de São Paulo e, finalmente, a sessão 4 apresenta conclusões.

2. Reabilitação e Dialogia na arquitetura dos museus

A dialogia¹ no ato da visitação de um museu ocorre entre todos seus elementos, são eles, arte, arquitetura, contexto e indivíduo. O diálogo ocorre entre obra de arte e obra de arte, obra de arte e arquitetura, obra de arte e indivíduo, indivíduo e arquitetura, arquitetura e cidade. Esta enumeração serve para esclarecer o caráter sistêmico desta relação dialógica, onde todos estes elementos estão presentes e para serem analisados devemos ter em conta sua pertinência a um sistema relacional.

Podemos, portanto, considerar que o indivíduo, apesar de viver na cidade, frequentar o museu e estar diante da obra de arte esteja fora desta relação de pertinência, posto que ele é um indivíduo que circula por toda esta relação. Estamos, nesta afirmação, em um momento de análise, que é quando o indivíduo se aparta da realidade e está em um tempo de leitura ou refiguração.²

Além dos elementos citados como elementos pertencentes ao sistema do ato museístico podemos também detectar elementos secundários. Para uma questão de hierarquia de funções surgem espaços intermediários que exercem a função de transição. Estes elementos arquitetônicos proporcionam o diálogo entre edifício e cidade ou entre edifício e obra de arte, por exemplo. A visão dialógica por parte de Mikhail Bakhtin (Bakhtin 2003) demonstra que o diálogo exige a relação entre no mínimo duas partes diferentes para existir, onde cada parte tem a sua verdade própria e estes elementos todos juntos terão uma verdade que surge a partir do diálogo entre eles. No caso da arquitetura dos museus ressaltamos a relação dialógica entre todos os elementos “em diálogo” no ato da visitação de um museu de artes. Estes elementos; o indivíduo, as obras de arte, o contexto e a arquitetura; se relacionam de modo a dar sentido à existência do museu como instituição e consequentemente como edifício.

O filósofo russo Mikhail Bakhtin dedicou grande parte de seus estudos ao tema do diálogo. O diálogo para o filósofo é visto como uma crítica ao monólogo, pela presença de mais elementos interagentes no primeiro. Esta presença de mais elementos é um fator gerador de uma idéia. A partir do diálogo entre diferentes partes se chega a um crescimento, a uma

¹ A dialogia no campo da arquitetura é presente nos estudos de Mikhail Bakhtin (Bakhtin 2003) e Josep Muntanya (Muntanya 2000). A visão dialógica da arquitetura proposta por ambos autores dá à arquitetura uma compreensão através de um campo interdisciplinar e busca interpretações à mesma através das relações entre elementos.

² A refiguração corresponde ao momento de uso, leitura e releitura do espaço ou de uma narrativa. Paul Ricoeur em seus estudos traça o paralelo entre a narrativa e a arquitetura. Sendo assim, para uma melhor compreensão do processo de criação e leitura e propõe neste paralelo a dissociação em diferentes tempos que são a prefiguração, a configuração e a refiguração. (Ricoeur 1995, Architectonics 2002, Architectonics 2003, Architectonics 2006)

idéia proveniente somente desta relação entre as partes e que não existiria se as mesmas não dialogassem entre si. O significado léxico de diálogo é justamente esta conversação entre dois ou mais indivíduos, que pode ocorrer de maneira coloquial ou fazer parte de uma obra literária ou científica. A diferença primordial entre o diálogo e o monólogo é a presença de pontos de vista distintos por parte do diálogo. Estes pontos de vistas distintos se confrontam nesta forma de comunicação.

Ao considerar a arquitetura, assim como a literatura ou as artes visuais diferentes maneiras de manifestar-se artisticamente, estamos assumindo que todas estas manifestações podem ser consideradas arte. Segundo Bakhtin, a arte para ser considerada arte basta apresentar três elementos básicos, são eles: conteúdo, forma e material (Bakhtin 2003).

O conceito de diálogo é usado na museologia para especificar a percepção que possa ter um visitante de um museu ao ver confrontadas diferentes obras de arte. Estas obras são de diferentes autorias e períodos, porém por algum critério por parte da curadoria foram “postas em diálogo”. Isto quer dizer, na prática museológica contemporânea, por uma semelhança estética ou temática obras podem passar a estabelecer uma relação estética.

Um museu, segundo a classificação nas categorias propostas, pode propor um diálogo com o conteúdo, ser indiferente ao conteúdo, ou ter uma relação de identidade com o conteúdo.³

No museu considerado “idêntico”, nos deparamos com uma situação ideal, porém rara. Esta situação se dá por semelhança no contexto social e histórico e social dos dois elementos. Neste caso há uma relação de identidade entre museu e obra.

No museu “neutro”, o museu é considerado obra arquitetônica sem levar em consideração a obra a abrigar. Esta obra arquitetônica, indiferente a seu conteúdo e às particularidades do mesmo, pode ser vista como uma obra de arte em si, não assume posturas em relação à obra de arte que contém e, por sua vez, baseia-se em conceitos teóricos alheios à relação com o contexto de seu conteúdo.

No museu “dialógico”, é buscada uma relação de diálogo com a obra de arte a expor. Assumindo a premissa de que não pertencem a contextos idênticos, buscam, através da forma abstrata, receber a este conteúdo.

3. O caso da Pinacoteca do Estado de São Paulo



Ilustração 2: Pinacoteca do Estado de São Paulo e entorno. Fonte: (Artigas 2000)

3.1. A reabilitação da Pinacoteca como estratégia

O edifício da atual Pinacoteca do Estado de São Paulo (**Ilustração 2**), localizado à Avenida Tiradentes em São Paulo, capital, antigamente destinado ao Liceu de Artes e Ofícios, recebeu em 1998 uma intervenção para abrigar a coleção da pinacoteca. Este edifício, então, um novo uso, o de abrigar a coleção de quadros do estado de São Paulo.

Na história do edifício da Pinacoteca do Estado de São Paulo estão presentes várias intervenções e adaptações quando ainda Liceu. O edifício de imenso valor ao patrimônio histórico para a cidade de São Paulo encontrava-se, portanto, em situação de degradação e em risco de deturpação maior de seu original. Entre as colocações de Paulo Mendes da Rocha (Montes, Oliveira 2002), autor da intervenção de reabilitação fica clara a preocupação por parte do autor, quando coloca: “De lá para cá, o edifício passou a receber diversos tipos de ocupação e toda sorte de absurdas agressões e abandono, desde a inclusão de piso intermediário numa ala interna, para abrigar uma escola com milhares de alunos, até as transformações, inevitáveis, dos arredores, desengonçado sua implantação, quando deveriam manter-se cuidadosas com a sua arquitetura peculiar.”⁴

Paralelamente à preocupação com a conservação da integridade física do edifício corre o surgimento deste acervo: A Pinacoteca do Estado de São Paulo propriamente dita. O

³ As categorias museísticas segundo a relação dialógica entre continente e conteúdo são propostas na tese em doutorado em andamento na Universidade Politécnica da Catalunha em Projetos Arquitetônicos intitulada “A Dialogia na Arquitetura dos Museus Brasileiros a partir do Movimento Moderno”

⁴ Trecho pertencente ao Memorial descritivo apresentado junto como parte integrante do projeto de arquitetura.

Estado de São Paulo, em ascensão, passa a então aumentar a coleção do antigo Museu do Estado e a demandar um local maior para sua coleção.

O acervo da Pinacoteca teve seu arranque histórico com um conjunto inicial de 26 pinturas, transferidas do Museu do Estado (atual Museu Paulista da Universidade de São Paulo) em 1905. Este acervo contava com obras de oito artistas renomados do século XIX, pertencentes ao contexto artístico paulista, pois os mesmos haviam vivido ou produzido no estado. (Assis 2005)

A estratégia de ocupação deste edifício com o novo uso é uma maneira eficiente para a devida manutenção da integridade do edifício e uma maneira de oferecer à coleção um espaço físico. A necessidade deste espaço, juntamente com a necessidade de conservação do bem que é o edifício, no caso da reabilitação deste edifício se fundem em um edifício com uma nova função.

3.2. A postura dialógica na reabilitação da Pinacoteca

Valendo-se da afirmação de Bakhtin ao colocar que uma obra de arte visa ao conteúdo através de um determinado material, e da conseqüente distinção de três diferentes elementos na obra artística; o conteúdo, a forma e o material (Bakhtin 2003), podemos relacionar o caso da linguagem utilizada no projeto de reabilitação do edifício da Pinacoteca.

Com base nesta afirmação, e no caso da arquitetura, o material são os elementos de arquitetura e a forma revela a linguagem de um contexto. É na forma que um contexto é revelado, e através da forma abstrata que um autor de uma obra arquitetônica consegue expressar seus objetivos conceituais.

Se na narrativa, a palavra escrita é o elemento puro do material, que a compõe, na arquitetura o arquiteto vale-se de elementos tais como vedações ou revestimentos, e com tais inúmeros elementos compõe a forma desejada.

É dentro do leque de estratégias projetuais que evidenciamos operações como a reabilitação arquitetônica. Na reabilitação existem evidente e minimamente dois contextos diferentes, o original do edifício e o contemporâneo, além do contexto de um acervo proposto, o que torna esta relação mais complexa, através de uma busca de diálogo entre um edifício antigo com conteúdo e função novos.

À estratégia de adaptar um edifício ao novo uso através da forma abstrata de maneira a voltar a trazer público e conseqüentemente uso ao edifício podemos chamar de reabilitação. A complexidade do diálogo entre o uso contemporâneo e o objeto edificado a ser utilizado

No caso do uso proposto da reabilitação ser um museu de artes, e este objeto a expor representar portanto um determinado contexto e a ser considerado um personagem em diálogo no sistema faz com que a relação seja mais interessante. As obras de arte, em diálogo com o indivíduo, com o edifício existente e com o novo, são um novo diálogo, ainda não proposto, onde interatuam diferentes contextos postos em diálogo.

A intervenção no edifício da Pinacoteca do Estado de São Paulo, assinada por Paulo Mendes da Rocha, tem um caráter dialógico em sua essência. Em palavras do autor, no memorial descritivo da obra, é evidente o conceito de respeito ao antigo e de preocupação com o diálogo. O autor propõe, portanto, o diálogo entre museu e obra de arte através de uma espécie de edifício intermediário, atuando como um elemento de transição entre dois contextos que não dialogam diretamente entre si.

Dentro das operações para a instalação do novo uso está a transferência do local de acesso para a lateral do edifício, pois com o tempo e a dinâmica urbana o acesso do antigo Liceu não seria próprio à Pinacoteca. A transferência deste acesso principal (**novo acesso – Ilustração 4, planta baixa térreo - Ilustração 5, planta baixa pavto. 1 – Ilustração 6**) da Avenida Tiradentes para a frente da estação da Luz possibilitou à Pinacoteca uma melhor hierarquia organizacional no percurso percurso do visitante. Um pequeno gesto como a transferência de um acesso tem reflexos maiores. O antigo acesso, passa a servir como um terraço/belvedere, o acesso novo apresenta uma melhor proporção entre edifício, função e espaço urbano.

Com suas próprias palavras o autor justifica no memorial descritivo da obra a operação: “Com a viabilização da nova circulação pelo eixo longitudinal do edifício, interligando as duas varandas laterais, e devido ao fato de estar o prédio numa esquina, a entrada do museu foi transferida para a frente da Praça da Luz, na face sul modificando-se a sua implantação com relação à cidade. Ressalta-se a utilidade importante do uso das varandas como espaços de acolhimento, uma área vestibular ainda externa, mas abrigada e equipada com serviços ao público.” (Montes Oliveira)



Ilustração 3 – Pátio interno Pinacoteca. Foto da autora.

Ilustração 4 – Novo acesso da Pinacoteca em frente à estação da Luz. Foto da autora.

A compreensão da circulação do visitante como um elemento de arquitetura é uma característica marcante do projeto de Paulo Mendes da Rocha na Pinacoteca. Em seu discurso “considerações sobre o projeto” o autor fala sobre a manobra da exploração de passarelas e da “rotação do eixo principal de visitação, lograda graças à manobra sutil de cruzar; com pontes, os espaços vazios dos pátios internos, que altera a implantação do edifício e sua relação com a cidade”⁵. Em suas próprias palavras também o autor percebe o caráter narrativo capaz de oferecer o edifício em seu proposto projeto de reabilitação. : “Esta manobra, no interior do edifício, exhibe a virtude da arquitetura em sua extensão ao espaço urbano, seu poder de narração – linguagem peculiar de conhecimento histórico do gênero humano.” (Montes, Oliveira 2002)

Outra sutil operação é a exploração dos espaços internos e jogo entre interno e externo **(planta baixa pavto. 2 – Ilustração 7, corte longitudinal – Ilustração 8 e corte transversal – Ilustração 9)**. O que no antigo Liceu era considerado pátio aberto, na nova Pinacoteca é pátio, porém está sob uma cobertura envidraçada. A relação entre interior e exterior nestes pátios avança um passo, pois as aberturas que existiam no interior dos pátios puderam ser retiradas e então os espaços através do pátio passam a ter uma correspondência e unidade.

Quanto à escolha dos materiais o trecho selecionado do memorial descritivo redigido pelo autor do projeto justifica sua evidente preocupação com o diálogo entre novo e antigo “Quanto aos materiais utilizados, o aço foi o principal material construtivo adotado. Está presente nas passarelas, nos elevadores, nos parapeitos, nas novas escadas, nas estruturas dos novos pisos e coberturas, nas esquadrias e nos forros. Seu uso foi devido a sua melhor adequação às condições locais de execução, sua leveza (material a desenho) e

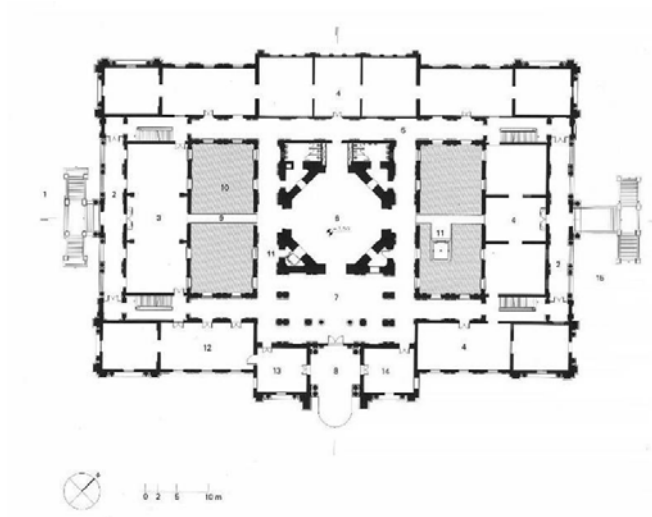
⁵ Trechos de texto elaborado para o catálogo do 2º Prêmio Mies van der Rohe de arquitetura latinoamericana em outu

por estabelecer um diálogo interessante e desejável com a construção original, entre o novo e o antigo.” (Montes, Oliveira 2002)



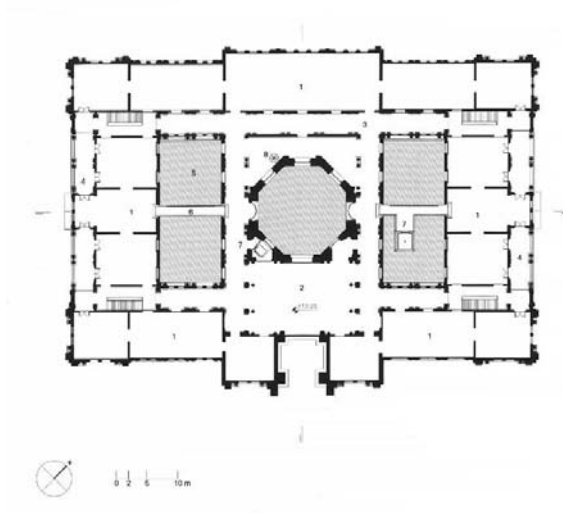
Legenda: 1. acesso de serviço; 2. acesso público (estação da luz), 3. pátio; 4. portaria; 5. foyer; 6. auditório; 7. cafeteria; 8. laboratório de restauração; 9. montagem; 10. galeria; 11. marcenaria; 12. depósito do acervo; 13. conservação; 14. museologia; 15. biblioteca; 16. acervo provisório; 17. copa, vestiário (funcionários); 18. casa de máquinas; 19. depósitos; 20. elevador.

Ilustração 5: Planta baixa Pinacoteca pavimento térreo. Fonte: (Montes, Oliveira 2002)



Legenda: 1. acesso público (estação da luz); 2. terraço; 3. recepção; 4. exposições temporárias; 5. galeria; 6. octógono; 7. hall; 8. belvedere; 9. passarelas metálicas; 10. vazio; 11. elevador; 12. administração; 13. diretor; 14. loja; 15. acesso serviço (jardim da luz).

Ilustração 6: Planta baixa Pinacoteca pavimento 1. Fonte: (Montes, Oliveira 2002)



Legenda: 1. exposição do acervo; 2. exposição de esculturas; 3. galeria; 4. terraço; 5. vazio; 6. passarela metálica; 7. elevador; 8. escada técnica.

Ilustração 7: (Montes, Oliveira 2002)

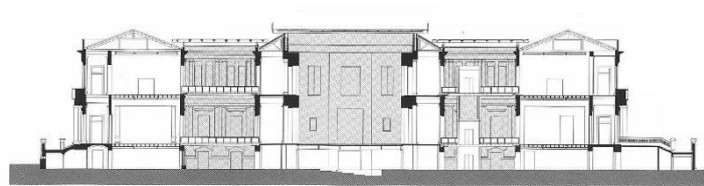


Ilustração 8: Corte longitudinal Pinacoteca. Fonte: (Montes, Oliveira 2002)



Ilustração 9: Corte transversal Pinacoteca. Fonte: (Montes, Oliveira 2002)

A memória do antigo foi respeitada, através da manutenção das marcas do tempo das alvenarias do edifício. A existência de marcas de andaimes (**Ilustração 3**) ao longo de todas as alvenarias de tijolos descascados revelaram a história do edifício, de andaimes que ali haviam sido instalados e na atual Pinacoteca passam a ser parte da história do edifício. Assim como as marcas dos andaimes

O gesto de Paulo Mendes da Rocha, ao adotar o aço como carro chefe de sua obra de reabilitação revela um ato de preocupação com a futura leitura do edifício. A conscientização do arquiteto está presente em sua prefiguração para que no futuro momento de refiguração, a detecção de diferentes contextos, para que a obra original não se confunda com o gesto da reabilitação. Isto se observa pelos gestos contemporâneos, como o uso de elementos marcantes e soltos tais como elevador, cobertura envidraçada e passarelas (**Ilustrações 10 e 11**), além da utilização de material diferente do utilizado na obra original e atual, como o aço e o vidro.



Ilustração 10 – Pátio interno Pinacoteca. Foto da autora.

Ilustração 11 – Pátio interno Pinacoteca. Foto da autora.

A inserção da cobertura de aço e vidro no interior do edifício possibilitou a utilização permanente dos pátios do edifício. O interior da Pinacoteca, com esta estratégia, tornou-se um espaço integrado e relacionado. A possibilidade de extração das aberturas internas foi a que trouxe ao edifício a possibilidade da luz natural e da integração de espaços, considerando a Pinacoteca um lugar público, com uma visão espacial aberta. No seu discurso na ocasião do premio Mies Van der Rohe o autor cita os pátios internos como “um novo museu”, como uma “manobra que destaca o arranque do robusto embasamento ortogonal e funda o lugar que constitui, na nova disposição dos espaços internos deste projeto, um belíssimo espaço central.” (Montes, Oliveira 2002)

A utilização da linguagem, como elemento de arquitetura em diálogo, representante de seu tempo, no edifício novo também atua no sentido de não interferir na linguagem antiga. A leitura possível é que existe um edifício antigo como pano de fundo e um edifício intermediário para receber o conteúdo. No que diz respeito a forma, fica clara a marca do

tempo, o contemporâneo é leve, possibilitado também por uma evolução tecnológica do aço e relacionada ao material. Este edifício intermediário, elemento de transição é justamente a leitura dos elementos de linguagem contemporânea e marcante (**Ilustrações 10 e 11**).

4. Conclusões

Observa-se nesta investigação de caráter híbrido um caminho interessante e viável para aplicação à investigação no campo da arquitetura. Na aplicação da ferramenta ao panorama brasileiro se ensaia um caminho que revela a riqueza de sua arquitetura museística. O foco dialógico prova ser uma interessante ferramenta para o aprofundamento intelectual no campo da arquitetura e mais especificamente da museística.

No caso do edifício da Pinacoteca do Estado de São Paulo observa-se a o gesto de reabilitação como uma estratégia interessante e viável uma vez que é uma ferramenta de interesse social e cultural. O uso de uma edificação para um novo fim faz com que a mesa se mantenha viva e possa continuar a ser utilizada como patrimônio da cidade.

Observa-se no intencional gesto de Paulo Mendes da Rocha, justificado por seu discurso verbal, intenções projetuais dialógicas. A busca do diálogo, e a maneira com que esta relação é fundamentada através da dissociação dos diferentes elementos, é um fator condicionante na sua obra de reabilitação da Pinacoteca do Estado de São Paulo e determinante de seu resultado. Com o edifício da Pinacoteca, e a relação proposta e lograda entre usuário, edifício antigo, reabilitação e obras de arte; temos um exemplar de relação dialógica, não somente entre continente e conteúdo, mas entre todos os elementos presentes nesta relação, no âmbito do museu.

Referências Bibliográficas

ARTIGAS, Rosa (org.). *Paulo Mendes da Rocha*. São Paulo: Cosac & Naify Edições Ltda., 2000. 240 pp.

ASSIS, Célia de. *Pinacoteca do Estado. Um acervo Centenário*. São Paulo: Prêmio Editorial Ltda., 2005. 32pp.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003. 476 pp.

MONTES, Maria Lucia. OLIVEIRA, Gilberto Habib de (org). *Pinacoteca do Estado de São Paulo. Um restauro em ação*. São Paulo: Editora Gráficos Burti, 2002. 170pp.

MUNTAÑOLA, Josep. *Topogénesis*. Fundamentos de una nueva arquitectura. Barcelona: Edicions UPC, 2000. 176pp.

RICOEUR, Paul. *Tiempo y narración*. Vol 1. México: Siglo Veintiuno Editores, S.A., 1995. 371pp.

Revista Arquitectónics – mind, land & society. nº 4. Barcelona: Edicions UPC, 2002. 103 pp.

Revista Arquitectónics – mind, land & society. nº 6. Barcelona: Edicions UPC, 2003. 183 pp.

Revista Arquitectónics – mind, land & society. nº 13. Barcelona: Edicions UPC, 2006. 80 pp.